



Efigênia Alves  
Ilustrações Suzana Paz

# SÓ UM DEDO DE PROSA



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

Copyright © 2018 Efigênia Alves  
Copyright © 2018 Suzana Paz

*Governador*  
**Camilo Sobreira de Santana**

*Vice-Governadora*  
**Maria Izolda Cela de Arruda Coelho**

*Secretário da Educação*  
**Rogers Vasconcelos Mendes**

*Secretaria-Executiva da Educação*  
**Rita de Cássia Tavares Colares**

*Coordenador de Cooperação com os Municípios (COPEM)*  
**Márcio Pereira de Brito**

*Orientadora da Célula de Apoio à Gestão Municipal*  
**Gilgleane Silva do Carmo**

*Orientador da Célula de Fortalecimento da Aprendizagem*  
**Idelson de Almeida Paiva Júnior**

*Orientadora da Célula do Ensino Fundamental II*  
**Ana Gardenny Linard Sírio Oliveira**

*Coordenação Editorial, Preparação de Originais e Revisão*  
**Kelsen Bravos**

*Projeto e Coordenação Gráfica*  
**Daniel Dias**

*Design Gráfico*  
**Emanuel Oliveira**  
**Eduardo Azevedo**

*Revisão Final*  
**Marta Maria Braide Lima**  
**Sammya Santos Araújo**

*Conselho Editorial*  
**Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda**  
**Sammya Santos Araújo**  
**Antônio Élder Monteiro de Sales**  
**Sandra Maria Silva Leite**  
**Antônia Varele da Silva Gama**

*Catalogação e Normalização*  
**Gabriela Alves Gomes**

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*

A474s      Alves, Efigênia.

Só um dedo de prosa / Efigênia Alves; ilustrações de Suzana Paz. -  
Fortaleza: SEDUC, 2018.

44p. il.

ISBN 978-85-8171-219-2

1. Literatura infantojuvenil. I. Paz, Suzana. II. Título.

CDU 028.5



SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará  
Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambeba  
Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325  
(Todos os Direitos Reservados)

*Para todos os carteiros.  
E para todas as pessoas que um dia enviaram  
ou receberam cartas, pelos diferentes correios.  
E também a Ricardo Freitas, a quem escrevi  
minhas melhores cartas.*



**C**om a morte da avó, neto e avô foram mexer nas lembranças, guardadas numa caixa marrom escura, amarrada com fita amarela, já desbotada pelo tempo. O menino, décimo segundo neto, foi o primeiro a entrar no quarto antigo, com olhar novo e buliçoso. Como quem acena para o passado, o avô ficou na porta, com o olhar amarrado à caixa. Foi o menino que o desatou:

- Vô, o que tem nesta caixa?
- O passado, meu filho.
- O passado preso numa caixa?!

O avô pensou que existem muitas formas de prender o passado. Há pessoas que prendem no coração, para ninguém ver. Acreditava que essas pessoas deviam ter uma grande razão para isso. Talvez o passado guardasse nos seus embrulhos algum segredo, algum mistério antigo e preguiçoso. Talvez fosse um passado meio desbotado, desses que não adianta querer pintar, que o próprio tecido não aguenta. Ou passado lodoso que, se mexer, faz escorregar a alma. Passado empoeirado, quando a cavalgada do tempo escavacou as superfícies e deixou rastros de cisco e pó. Talvez ainda um passado cheio de chagas, que remédio não resolve.

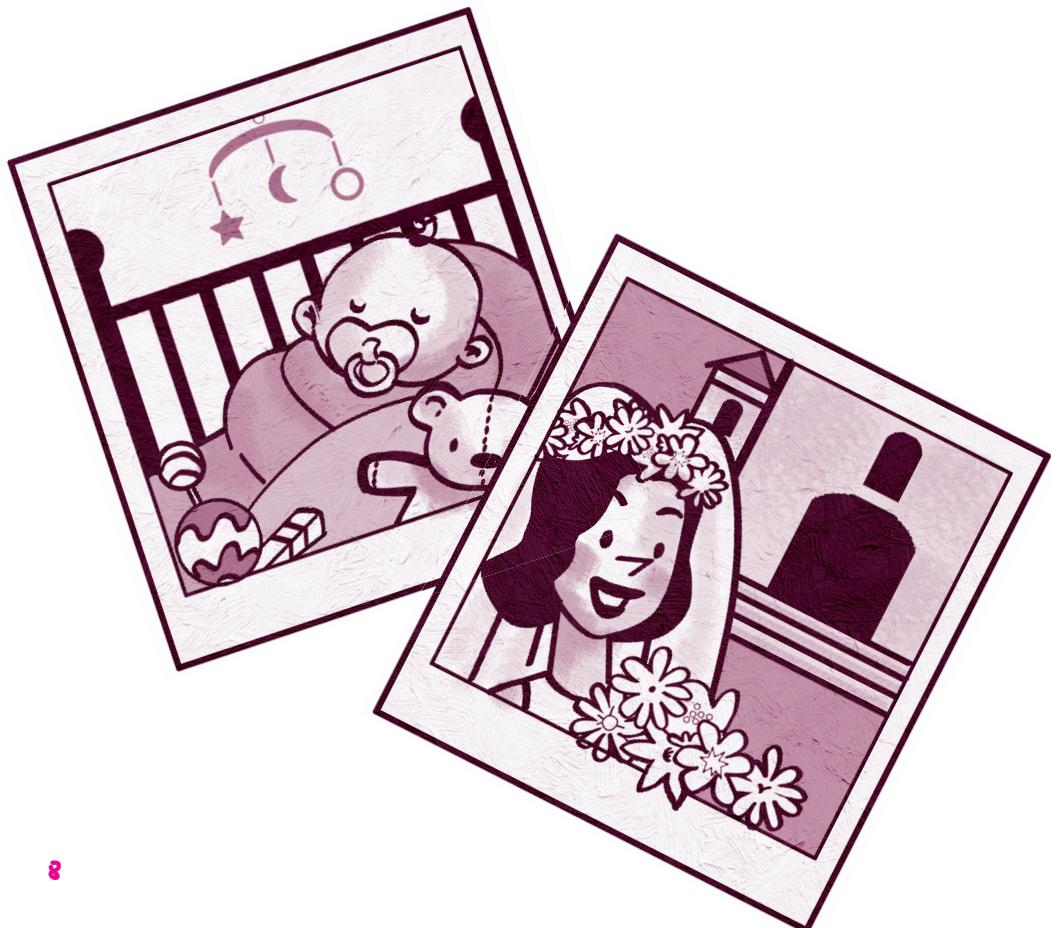
Pensou que outras pessoas prendem o passado no jeito de falar. E quando falam, o passado passeia no presente, vai atravessando entre uma fresta e outra, ora se mostrando arrogante, misturando-se de um jeito, como

se não existisse em fatias, como se o tempo fosse um tecido de imensidão, todo feito de vontades.

— Na verdade, meu pequeno, quem cortou o tempo em fatias, despedaçando-o em porções que se serve em calendários, foi o homem. Isso foi invenção do bicho-homem, tentando construir a esperança e implantar o depois.



E sua avó prendia parte do passado nessa velha caixa, através de fotos e das cartas que recebia quando era mais jovem, dos parentes distantes, dos filhos que foram morar longe e das cartas de amor, como as minhas. No meu tempo, meu filho, as cartas tinham uma grande importância.





— Vô, e por que hoje não é mais o seu tempo, se você está aqui?!

— Ah, meu menino... Acho que esse seu velho avô ficou preso por inteiro, no passado. E depois que sua avó me deixou, parece que eu não quero mais o tempo presente. É como se esse tempo de hoje não me coubesse. Ou se cabe, me aperta. Meu coração, aos poucos, vem diminuindo, e coração quando fica miúdo demais, acaba se perdendo dentro da gente.

Agora venha, traga essa caixa para a sala, que está mais clara e tem lugar bom para sentar. Vamos rever esse passado, com tantos retalhos dos tempos idos que tem também pedaços de mim, de quando era novo. Tudo trancado com as sete chaves do coração amoroso de sua avó.

O menino já sabia de ouvido que quando uma coisa é muito importante, é guardada a sete chaves. Ver as tais chaves, nunca tinha visto. Talvez fossem invisíveis aos olhos estranhos, pois só vê as sete chaves, quem é o dono da importância das coisas. O avô, que sabia todos os segredos da avó, com certeza, tinha as tais chaves.

E numa atitude estampada de prazer, o menino pegou a caixa, com esforço, e se dirigiu para sala. O avô ficou um pouco mais, olhando o interior do quarto, ainda da por-

ta. Viveu muitos anos, ali, com a esposa. Mas no tempo da reforma, a filha achou por bem construir um novo quarto, “mais arejado”, como ela dizia. Não houve resistências, mas não abandonaram o quarto de um todo. Visitavam-no com muita frequência.

Lá havia ficado um guarda-roupa feito de carvalho, com quase meio século de existência e alguns pertences, desses que não se quer, mas não se joga, porque guardam qualquer coisa da gente. Mas depois que a esposa foi embora, sem nem se despedir, o avô nunca mais tinha entrado ali. Acreditava que os lugares, de tanto que nos abrigam, acabam por roubar um pouco de nós. Baixou a vista e foi sentar com o neto, no sofá, onde o encontrou com olhar ansioso, percorrendo a caixa com as mãos, num gesto de impaciência, tão comum a ele, como se a vida tivesse pressa.

— Vô, você disse que nessa caixa tem o passado. E de que serve o passado? Ninguém nunca me perguntou quem eu fui, mas me perguntam sempre quem eu vou ser quando crescer.

O avô olhou quieto em direção à janela aberta para a rua principal, onde as pessoas passavam, cada uma com seu destino, nas preocupações cotidianas que cabe a cada um, ocupando seus lugares nesse tempo. E lembrou que, quando menino, de fato todos perguntavam o que ele ia ser quando crescesse. De achar que já se nascia sendo, respondia o que, quase sempre, não agradava ao seu ouvinte.

Então ficava imaginando que devia existir um lugar onde as pessoas iam buscar o seu “ser”. Ele não sabia o que queria ser, mas, na verdade, já achava que era. E ficava pensando que todos deviam ter obrigação de “ser”

alguma coisa, já que as pessoas se sentiam no direito de perguntar. Mas “ser” o quê? E o que aconteceria com quem não quisesse “ser” nada? O que era “ser” nada? Vivia cheio de perguntas sem respostas. Algumas delas envelheceram com ele.

O neto já estava pronto a falar, quando recebeu o olhar do avô, acompanhado de uma voz mansa.

— Talvez por se preocuparem tanto com o futuro, esquecem-se do presente e a vida vai passando, apressada. Nós carregamos o passado, ele nunca passa definitivo. Você ainda é muito menino, mas há de compreender que aprendeu a andar no passado, e ainda hoje esse seu passo o serve.

O avô ficou pensando nos tempos de menino, quando o ano demorava a passar e a vida não tinha pressa, andava bem devagar, feito

lesma em tempo de desânimo e chegava mesmo a descansar debaixo dos mangueirais ou ficava entretido nas brincadeiras da infância. Mas a vida é mesmo assim, passado, presente e futuro se misturando, confabulando sobre convergências, se praticando em campos árduos ou férteis da existência. O tempo anda por esses caminhos. E quem desconhece essas veredas, pode tropeçar em qualquer amanhã e cai dentro de si mesmo.





— E digo mais, o passado está sempre na janela do presente, sorrindo, e por vezes apontando para o futuro. Não me olhe com esta cara, meu pequeno! Sei que toda essa conversa é comprida demais para o seu tamanho. Mas antes de abrirmos esta caixa, que seus olhos não esquecem, preciso falar do que foram as cartas no passado, quando o mundo era maior e os continentes mais distantes.

— Vô, e o mundo ficou pequeno?

— Na verdade, dizer que o mundo era grande, é só um modo de falar. Quem cresceu mesmo foi o homem. Cresceu na sabedoria, na ciência. Projetou o avião, que reduz as distâncias e construiu janelas de ver o final do mundo. Quando eu era do seu tamanho, pensava que o mundo era tão grande, que não tinha fim e eu tinha medo dessa imensidão. Preferia ficar no meu quintal. Depois os homens foram me mostrando todos os cantos, trazendo o mundo para perto de mim, e eu continuo com medo do mundo.

— E o mundo tem fim, vô?

— Do jeito que estamos caminhando, penso que terá, meu filho. E a natureza já mostra os sinais.

O avô disse aquilo com um jeito de quem não consegue ver muitos amanhãs. Ou que os amanhãs terão cara de malvadezas, amedrontando até gente grande. Ficou um instante pensativo e continuou, num tom alegre:

— Foram as cartas, meu pequeno, as responsáveis por ligar os diferentes pontos do mundo, como um fio que vai entrelaçando lugares e pessoas, trançando histórias, tecendo sentimentos e costurando a vida.



— Mas hoje, vô, a gente sabe bem rápido, tudo que se passa pelo mundo.

“Aquele menino era mesmo muito esperto”, o avô pensou, com orgulho disfarçado, lembrando-se da sua própria curiosidade de infância, que nunca teve cura. E pensou nas costuras do tempo de agora, com linhas grossas, que traz o mundo em cores vivas, com palavras de assombro.

As cartas davam tempo do coração se preparar, fosse para ser feliz ou para ser tristeza grande, dessas tão compridas que alcançam várias noites. Cada linha podia ser interrompida, adiada ou até rejeitada, tornando tardias as verdades, que chegariam outro dia qualquer. Mas agora não, tudo vem rápido demais e o coração parece que vai se acostumando com as dores, a ponto de não querer doer.

Nem a felicidade chega colorida, como as trazidas pelas cartas. Ela se apresenta tão de repente, que não dá tempo de o coração entender que é a felicidade e, quando percebe, ela já tem ido embora. E felicidade é coisa orgulhosa, de ir embora e não querer voltar com brevidade. Parece que quando vem, na sua modéstia de andança e silêncio, se não receber a atenção de chegada, volta na mesma prudência. E só retorna um dia, se for buscada com mil cuidados e singelezas.

As costuras de agora, com linha grossa, confundem a vista e vemos sem enxergar. E o mundo vai ficando pequeno e confuso. O tecido também entontece o olhar, de tanto que brilha sem precisão. E disso os olhos apontam, mas não avistam.

— Pois bem, menino, cada tempo tem seu modo de unir os pontos, de costurar a vida. Um dia desses, reli uma carta, das mais bonitas que já vi, de um homem que usava as palavras com tanto zelo, que pareciam acender no leitor uma luz que alumia por dentro.

— Vô, esse homem das palavras que alumiam, deve ter aprendido a ler e escrever bem cedo, igual a mim. Como era o nome dele?

— Machado de Assis. Com certeza, a sua professora conhece. Ele escreveu essa carta para Nabuco, um amigo, falando da ausência



da esposa, dona Carolina, que fez que nem sua avó. Mas era o jeito de dizer, que era bonito. Um assunto triste, falado com boniteza.

O avô lembrou-se de muitos poetas e escritores que escreviam cartas, dizendo coisas do cotidiano, com palavras que clareavam as manchas que as feridas deixavam, enfeitando qualquer feiura da vida, como nos arremates que as costureiras fazem em babados rotos, escondendo do tecido, tudo que está se puindo.



O menino manifestou uma certa impaciência, como se não estivesse mais tão interessado no assunto. Talvez nem escutasse direito o que o avô dizia, já com as mãos na fita amarela. O menino teve sua atenção assaltada, com uma pergunta solta, feita como sem propósito:

— E Getúlio Vargas?!

O menino nada disse, mas olhou relampejante. Meio boquiaberto, esperou que o avô continuasse, o que não tardou.

— O país inteiro parou para ouvir a carta deixada por Getúlio Vargas, quando decidiu errado que não queria mais ficar aqui.

— Por que decidiu errado?

— Porque não querer mais ficar aqui na Terra, é sempre uma decisão errada. Deixe que a natureza decida o dia da partida, mesmo que sempre achemos que ela nunca acerta.

Naquele momento, o avô deixou o olhar distraído por instantes. Ele próprio discordava da natureza, que decide sem nada perguntar, como um juiz absolutista que desconsidera a corte de jurados e sentencia o destino. A morte era sim, uma espécie de juiz tirano, tirando a vida das pessoas, a qualquer tempo da existência.

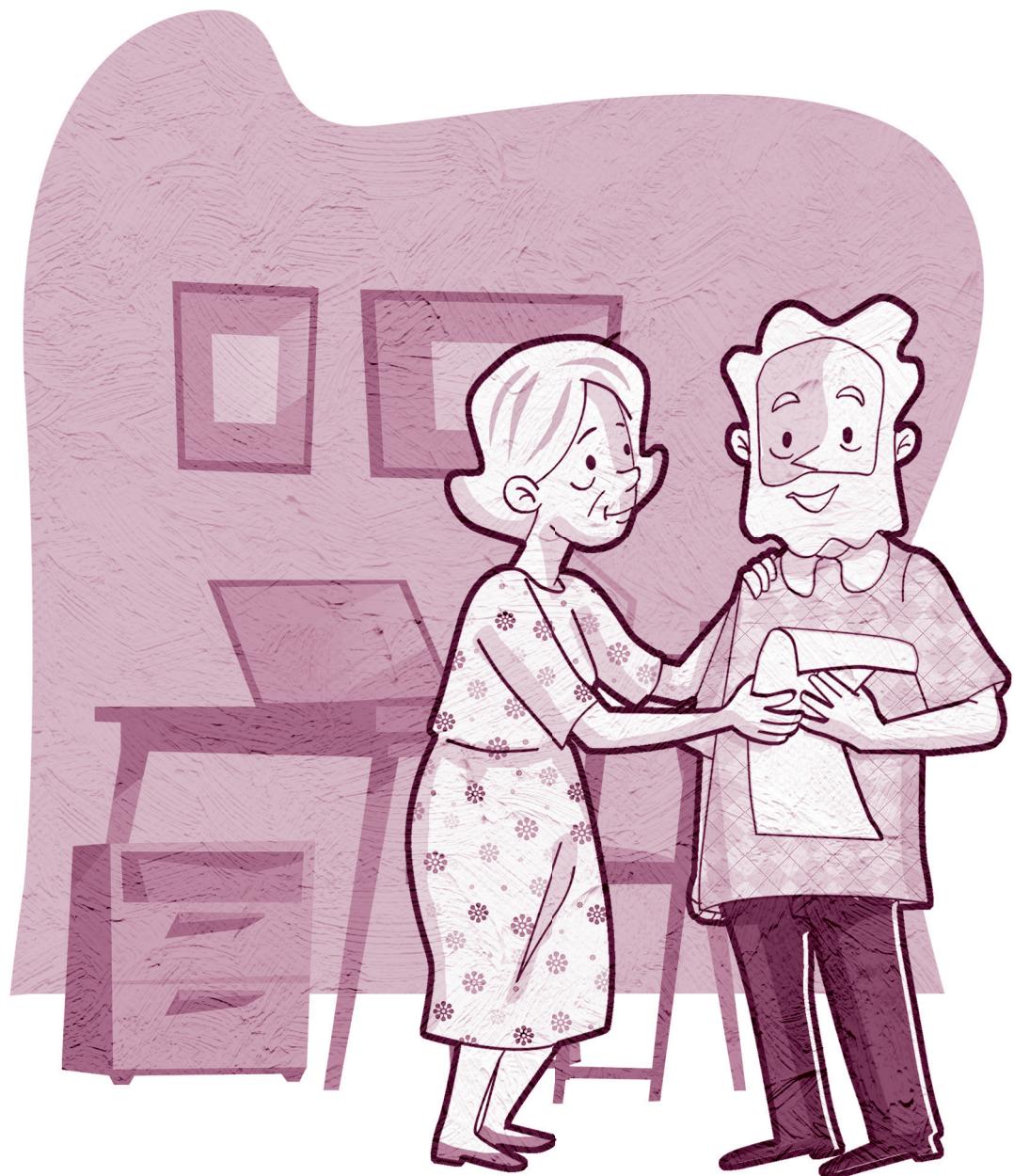
Lembrava-se de muitas pessoas com planos compridos, condenados a encolher os sonhos, no sono do qual ninguém se acorda. E não foi assim com a esposa? Ela, que da colcha de desejos que bordou, ainda tinha muito a ver. E sem que ninguém desconfiasse, no nascimento da madrugada, veio o ditame, sem tempo de falas ou gestos, carregando-a por outros caminhos.

— A carta de despedida foi lida para muitos brasileiros e ainda hoje está guardada.

— Vô, parece que não gosto de carta de despedida, me fale de carta de chegada!

— Pronto, uma que está aí dentro dessa caixa, quando sua mãe enviou do Rio de Janeiro, dizendo que você tinha chegado. Essa não veio pelas mãos de um carteiro, veio pelo correio eletrônico. Foi seu tio Alberto que entregou nas mãos de sua avó. Ela fez questão de guardar, mesmo sem envelope. Essa carta nos trouxe muita alegria!

Os olhos do menino brilharam em direção ao avô. Essa certamente seria a carta mais importante. E a mãe nunca havia lhe falado dela?! Voltou o olhar à caixa. Como será que escreveram sobre a chegada dele? O desejo de abrir aquela caixa aumentava. O avô mudou de posição no sofá e, entusiasmado, mais uma vez se dirigiu ao menino:



— O Cavaleiro da Esperança ficou triste, quando recebeu a carta de Olga Benário, sua esposa, vinda do campo de concentração de Ravensbrück, quando o mundo alemão tinha um dono, que queria ser dono do mundo.

— Vô, por que campo de concentração? Às vezes a professora pede concentração, para fazer uma atividade. Existe um lugar especial, para a gente se concentrar?

O avô aprendeu a ler e escrever muito cedo, com a mãe. Quando foi para a escola, já sabia muita coisa. Era de fácil concentração, bastava seguir o pensamento e se desviava dos outros caminhos. Gostava das perguntas do neto. Ele tinha herdado a sua curiosidade incurável.

— Menino, uma mesma palavra serve para muitas coisas. Aprendi isso lá pela meninice, quando minha avó disse que meu primo havia feito “obra” no quintal. Fui com ela e vi que a

obra não era tão grande. Enquanto apanhava, vovó me falou da importância das obras para adubar a terra. E numa das tardes da minha infância, depois que cheguei da escola, meu pai me chamou e disse que ainda queria me ver formado, fazendo grandes obras. Foi nesse tempo que descobri que as palavras ocupam muitos espaços no mundo, e o que dizem, depende do lugar onde elas se assentam.

Então, concentração pode ser um momento em que nossa mente fica agarrada a uma só coisa. Mas quando muitas pessoas se juntam num lugar, também podemos dizer que elas estão concentradas ali.

— E por que a mulher da carta estava concentrada nesse lugar que você falou?

O avô ficou um pouco incomodado. Arrumou-se novamente no sofá, fez um carinho no neto para ganhar tempo. Precisava

pensar um jeito de explicar essa história tão medonha. Achava difícil fazer uma criança entender uma coisa que nem gente grande comprehende. Qualquer resposta impensada podia gerar outras perguntas, com respostas que mostrassem a outra face do homem, que criança não precisa ver.

Sabia que as pessoas se concentram em um lugar para muitas coisas, como se divertir, lutar pelos seus direitos e às vezes porque não os têm mais. Nesse campo de concentração tinham várias pessoas prestes a perder o último direito e o mais sagrado.

Mas como explicar uma história dessas para um menino?! Já estava arrependido de ter falado, mas agora era tarde e o menino olhava exigindo uma resposta.

— Às vezes você faz pergunta difícil. Olhe, algumas pessoas sentem-se cutucadas

com o diferente. Sem esticar mais essa história, aquela mulher que escreveu a carta, pensava muito diferente.

— E a gente tem que pensar igual aos outros, vô?

— Às vezes, as pessoas pensam diferente e guardam esse pensamento só com elas. Deixar pensamentos escapulir pela boca, pode ser muito perigoso. Há sempre alguém que anda medindo os pensamentos que são grandes e fujões, e quando ultrapassam do tamanho que se deseja, são cortados. Pensamento cortado dói tanto quanto saudade.

— Já cortaram algum pensamento seu, vô?

— Já... Quando eu pensei alto que queria ser menino. Mas não se preocupe em entender toda essa história. Quando você estiver grande, talvez entenda. Mas se não entender, não é motivo para preocupação, porque tem

coisa que acontece, o tempo passa, a vida passa e a gente nunca entende.

— Vô, eu gostei desse “Cavaleiro da Esperança”. Ele tem um nome bom. Eu sempre quis ter um cavalo. A mamãe disse que quando eu crescer do tamanho de um homem, ela vai me dar um de presente. Já sei até como vou chamá-lo. Você sabe como era o nome do cavalo dele, do Cavaleiro da Esperança?

— Utopia. Mas esse cavalo é pouco usado hoje. É uma raça rara e poucos são os homens que conseguem montá-lo. Muitos montam, mas depois caem. Há quem diga que o Cavaleiro da Esperança também caiu. Agora, deixe eu falar para você de outra carta muito importante...

— Qual?

— Uma que cruzou o até então tenebroso oceano Atlântico, saindo desse país chamado Brasil e indo chegar às mãos de um homem



que tinha a patente de rei e mandava para além do mar.

— E por que essa carta era tão importante? Ela falava de quê? Quem mandou?

— Calma, menino! Até que gosto de ver seu gosto em descobrir as coisas. Mas vá perguntando devagar, se não a cabeça de seu avô fica branca por dentro também. Parece que quando a gente vai puxando o fio da memória devagar, ela vem trazendo as coisas mais coloridas, às vezes, até com cheiros. E as histórias são sempre tão compridas, que nunca dá para pegar da raiz e saber onde vão parar. Sempre vai existir um antes e um depois, mas vou ser breve, porque tem histórias maiores que a paciência de um menino.

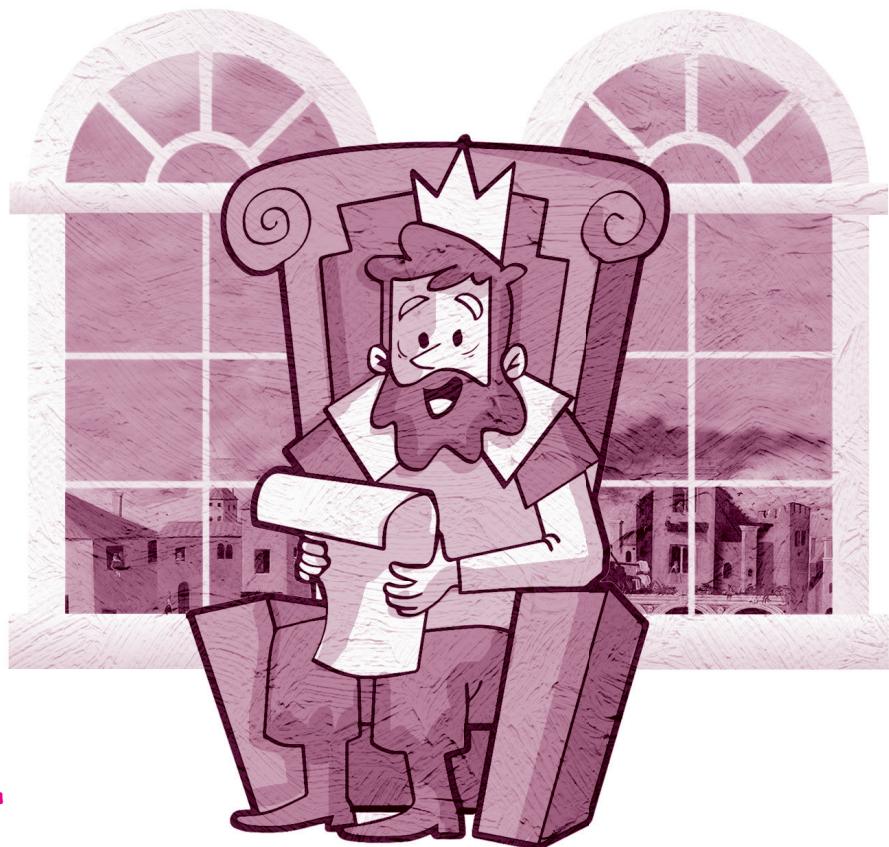
O avô disse isso, acariciando a cabeça do neto, com um sorriso de menino, que ele guardava de muito tempo. E antes que o ga-

roto falasse, ele entendeu a emergência dos olhos, e continuou:

— Antigamente o mundo era praticamente todo governado por reis que usavam coroas. E para encompridar os seus domínios, eles precisavam de mais terras e mais gentes. Nesse tempo se sabia pouco do mundo, e os oceanos tinham cobras gigantes e sereias que encantavam a quem ouvisse o seu canto. Mas as pessoas, mesmo as que tinham muito medo, obedeciam ao mandado do rei e se aventuravam pelos mares, vendendo e comprando ou descobrindo novas terras. Outras iam por interesses particulares.

E dizem, que em uma dessas viagens, quando algumas tripulações aqui chegaram, já havia o nome de Pindorama, dado pelos moradores da terra. Então um escrivão, que agora me foge o nome à lembrança, escreveu

uma carta para o rei contando da nova terra, onde dizia que “tudo o que se planta, dá”. Para quem estava chegando, a terra era realmente nova, porque tudo depende da posição que se olha. Agora meu pequeno, você imagine a cara do rei quando leu essa carta! Os olhos devem ter ficado maiores que o rosto!



— Vô, já me contaram um pouco dessa história na escola, mas não falaram do nome que a terra já tinha e nem do jeito que ficou a cara do rei. Deve ter sido muito engraçado! Será que tiraram foto?

— Talvez não, meu filho, mas foto eu queria ver mesmo era da espada de Dom Pedro, rompendo o céu do Ipiranga, no grito que ecoa ainda hoje, quando leu a carta vinda de Portugal. Mas essa já é outra história. Tem gente até que diz que a história não foi bem assim. Mas quanto à carta, essa foi verdade. As cartas eram muito importantes!

O avô lembrava com saudade daqueles tempos. E, naquele momento, esqueceu-se que era velho e, com entusiasmo da juventude, começou a narrar.

— As cartas traziam coisas boas e ruins, como por exemplo, notícias tristes de pessoas

que foram embora para sempre. Mas levavam e traziam notícias boas, como promessas de amor, confissões de saudade, pedidos de casamentos, fechamento de negócios... Mas isso demorava muito a chegar, passavam dias e até meses, porque os transportes eram mais difíceis. Antes, as cartas eram transportadas em lombos de animais, depois de trens e de navios. Muitas pessoas ficavam no porto, olhando o navio chegar, aguardando o caixote com notícias do outro lado do mundo. Os imigrantes sempre estavam a esperar cartas dos familiares, que ficaram em outros países. Naquela época, meu filho, nem todo mundo sabia ler e escrever, mas havia sempre alguém que se prestava gratuitamente a esse papel. Sua avó foi uma delas! Com seu português de professora, ela ouvia segredos, dificuldades e sonhos, que as pessoas queriam contar para outras. E ficava tão satisfeita quando lia uma

carta para alguém, que era como se fosse para ela. A voz corria conforme o que estava escrito. Falava baixo e com pausas, quando lia notícias tristes. Abandonava tudo que estivesse fazendo, quando pediam para ela ler ou escrever uma carta. Quando os malotes chegavam, aí era a vez do carteiro, sair de casa em casa, entregando-as. Muitas mães esperavam com ansiedade o carteiro, sempre com esperança de que o filho estivesse vivo, em tempos de guerras. As mãos tremiam! Esse eu não via, mas sei que o coração também. Algumas recebiam a carta chorando. Até o carteiro ficava emocionado.

— Você gostava de ser carteiro, vô?

— Se gostava! Eu era o homem mais esperado da cidade. Tinha sim, importância, mesmo que minha identidade se resumisse ao que fazia. Na época, nossa cidade era peque-

na e embora poucos soubessem meu nome,  
todos conheciam o carteiro, me acenavam na  
rua e vinham correndo quando eu gritava “o  
carteiro chegou!”.





O avô lembrava-se do seu ofício. Várias mãos, simples e importantes recebiam as cartas e as expressões eram sempre de ansiedade. Só alguns homens, que têm no rosto as marcas das dores da alma, é que não faziam uma cara muito boa. Esses olhavam o envelope, viravam, conferiam o destinatário, viravam novamente, mirando o remetente, só depois de fazer isso umas três vezes, é que olhava o carteiro e agradecia com um leve inclinar de cabeça.

— Às vezes, eu levava cartas bonitas, amarradas com fita lilás. Essas carregavam dores da mocidade, levavam paixões, poemas, as mais puras declarações de amor. E sempre quem recebia, saía correndo. Havia aquelas em envelope sujo de batom e sei que algumas eram lidas e relidas, às vezes salpicadas de lágrimas de saudade.

O avô falava com entusiasmo. Lembrava-se daqueles momentos com muita saudade. E vendo o interesse do neto, continuou:

— Sempre havia cartas que nunca eram lidas. Foi assim que conheci sua vó. Ela recebeu uma carta de minhas mãos e a rasgou na minha frente, com um sorriso amargo, de canto de boca. Era namoro desfeito. Toda tarde ela ia para a janela, com a esperança nos olhos para me ver passar. Acho que ela esperava que ele mandasse mais cartas. De-

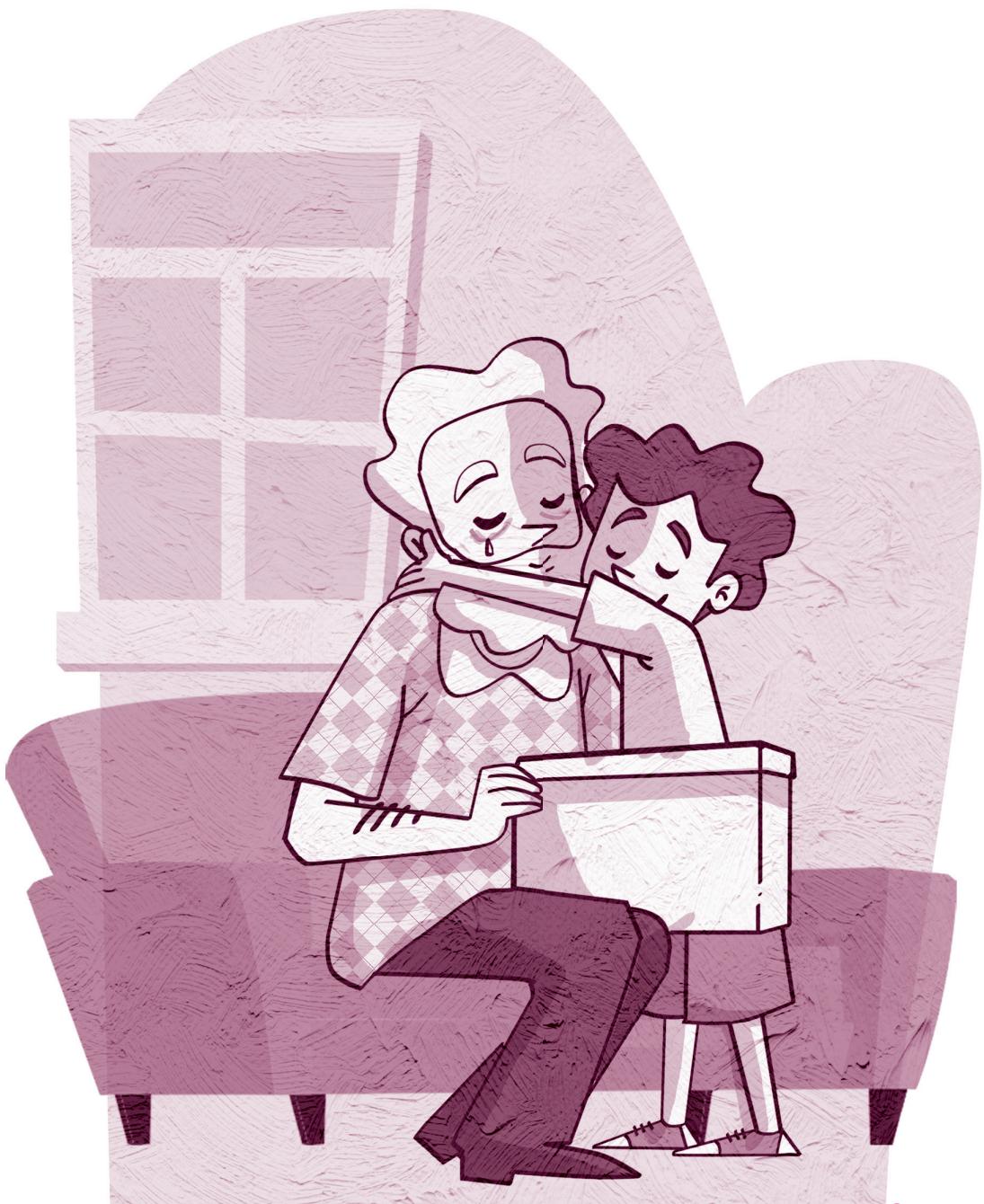
pois eu comecei a escrever para ela, anonimamente. Foram minhas primeiras cartas. Um dia criei coragem e assinei. Quando os pais a mandaram estudar na capital, as cartas iam costurando o nosso amor. Estão todas aí, bem abaixo de sua mão. Hoje, meu filho, tudo está muito diferente. As cartas são poucas e quase já não chegam pelo correio. Fico pensando qual a importância de um carteiro nesse tempo de agora. Porque não tem coisa mais sem graça do que um carteiro sem cartas. Deviam mudar de nome para “entregador de papel”.

O menino passou um tempo de olhos atentos, parecia nem lembrar mais das cartas. O pensamento se ocupava de um plano para ativar a memória e o interesse daquele querido carteiro, que levou e trouxe cartas importantes, dos mais diferentes assuntos.

De repente, ergueu a mão da caixa, que de vez em quando passeava entre o laço amarelo e pegou na mão do avô, pois sentiu a sua tristeza. O avô percebeu, puxou o neto para si e beijou-lhe a cabeça. E num gesto decidido, ajeitou a caixa entre ambos. Olhou novamente para o neto:

— Não leve em conta toda a nostalgia desse avô, meu menino, foi só um dedo de prosa. Cada tempo tem os seus próprios encantos. Viva o seu tempo presente. Todavia não esqueça que o passado nos acompanha, porque foi o homem quem criou esses marcadores temporais. E essas cartas, meu filho, que ainda nem começamos a ler, são para mim, as mais importantes do mundo.

O menino ficou com olhar preso à caixa, pensando ninguém sabe o quê.





## Efigênia Alves

Oi!!! Meu nome é Efigênia Alves, nasci no Rio Grande do Norte, mas por ter chegado ao Ceará ainda pequeninha, considero-me cearense. Hoje moro em Jaguaribe, mas gosto de andanças, tanto andanças geográficas, pisando aqui e ali, quanto andanças fantásticas, por outros mundos, através da literatura. Comecei a escrever ainda menina, colocando no papel as personagens e histórias que já existiam no meu mundo imaginário. Continuo escrevendo e agora espalhando histórias por aí... Tenho quatro livros pela Coleção PAIC Prosa e Poesia e outros por editoras. Fico horas deliciosamente na companhia de livros. Gosto “muitão” de ler e escrever! E você, gosta também?!



## Suzana Paz

Olá, nasci em Fortaleza, Ceará. Além deste, ilustrei vários livros para crianças, *Diário do Sol* e *Vende-se uma família*, pelas Edições Demócrito Rocha, e *Chuá, Chuá, Buá, Buá*, pelo Armazém da Cultura. Gosto de desenhar, e desde que eu era criancinha, nunca deixei de criar um mundo colorido de histórias e personagens mágicos. Saiba mais de mim: <http://suzanapaz.blogspot.com.br/>.